



ÁREA 3. CUADERNOS DE TEMAS GRUPALES E INSTITUCIONALES

(ISSN 1886-6530)

www.area3.org.es

Extra N°5 – Verano 2023

Material presentado en la III Asamblea Internacional de Investigación en torno a la
Concepción Operativa de Grupo, Salvador de Bahía, 8-10 de septiembre de 2022

Pensare la scuola del futuro alla luce della Concezione Operativa di Gruppo¹

Alberto Carraro²

É muito difícil propor uma mudança nas escolas, mesmo agora que uma saída gradual da emergência causada pela pandemia de Covid19 está à vista. A principal tarefa dos governos nacionais, que gira em torno da retirada dos estudantes das escolas e universidades, consistiu principalmente em ações logísticas que são completamente marginais em comparação com assumir a complexidade da tarefa de aprender. A substituição do recipiente real (o prédio da escola) pela comunicação digital/virtual (ensino à distância), ainda repousa na manutenção exacerbada da relação professor/estudante superprovada, o que agrava ainda mais a percepção da permanência do modelo sufocante baseado no controle (de natureza sistemática e instituinte), mesmo dentro de casa. Em essência, o uso do ensino à distância reforçou a antiga imagem da escola continuando a funcionar como uma fábrica de dependência (de acordo com uma de minhas definições históricas).

Eu poderia atualizar a situação delineando algumas reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem a partir de um ponto de vista institucional. A escola pública, a escola em geral, foi concebida como uma instituição composta de diferentes grupos com diferentes funções:

¹Trabajo presentado en Nodo Institucional.

²Carraro A. (2014), Pedagogia istituzionale e gruppi – Contro la fabbrica della dipendenza, Roma, Armando.

alunos, professores, pessoal administrativo, pessoal auxiliar, pais dos alunos. Até ontem, funcionou como um lugar de re-produção de conhecimento, apresentando-se com uma estrutura piramidal e top-down e com um comportamento do corpo docente que não é muito homogêneo para a tarefa de aprender. A instituição sempre deu prioridade ao compartilhamento de uma conformidade implícita e aproximada, nunca detalhada, com os critérios de avaliação prévia dos testes disciplinares: testes orais, escritos ou práticos realizados pelos estudantes. O resultado é um sistema dirigista, burocrático e centralizado que negligencia muitos aspectos do perfil subjetivo dos alunos, enfatizando mecanismos que replicam o conhecimento, de acordo com qualidades relacionadas a uma suposta objetividade.

Se um líder escolar aproveitasse a emergência histórica da pandemia e decidisse por sua própria vontade promover a renovação escolar, ele ou ela teria que ser capaz de desempenhar o papel de coordenador do grupo e, secundariamente, do trabalho institucional. É somente nesta concomitância de circunstâncias que o perfil profissional é configurado com uma abordagem teórica e técnica capaz de modificar gradualmente a atual configuração institucional baseada na relação professor/aluno, convertendo-a em uma real e eficaz: professor/grupo de alunos.

Professores, professores e professores são os depositários de uma organização de pensamento que, durante os anos passados na escola, na universidade, nos diversos cursos de formação profissional, foi reforçada a um nível inconsciente, transformando-se em uma ideologia. Portanto, é altamente improvável que eles desenvolvam espontaneamente um modelo alternativo de escola e ensino ao atual, que eles internalizaram e, em grande parte, reproduziram inconscientemente.

EXISTE UMA MANEIRA DIFERENTE DE FAZER ESCOLA?

O fato de que os adolescentes vivenciam muitas situações desconfortáveis muitas vezes em antagonismo com os estabelecidos: famílias e escolas, conseguiu provocar muitas incertezas sobre como o mundo adulto consegue encontrar as condições mais adequadas para ajudar efetivamente a geração jovem no delicado período de seu crescimento e emancipação. Talvez os jovens também sofram de formas de educação familiar que levam a uma condição geral de subalternidade em relação aos adultos.

Há algum tempo venho argumentando que uma configuração mais atualizada da profissão docente pode ser construída com base em uma concepção diferente da função docente, ou seja, no estabelecimento de uma prática profissional diferente da atual. A mudança prioritária consiste em perceber que, em sala de aula, o tema do processo ensino-aprendizagem é o grupo de alunos. A natureza sistemática da pesquisa, o poder de problematizar o ensino das diferentes disciplinas, a capacidade de gerar novas experiências em sala de aula, pode pôr em questão as relações sacralizadas por um sistema arcaico de transmissão de conhecimento em geral e conhecimentos específicos nas diferentes disciplinas.

A organização do processo de ensino/aprendizagem está se instituindo imediatamente, pois, na escola tradicional, por exemplo, determina, atribuindo-lhes com antecedência, os lugares reservados a cada pessoa no que parece ser um jogo diário de disciplinas. Os lugares, mas tam-

bém as partes, são fixos: daquele que dita a lição (o professor) e daquele que tem a posição reservada de ouvinte (o aluno). Qualquer visão do horizonte escolar nunca pode desconsiderar a imagem real que dele é traçada, sem nunca perder de vista os efeitos latentes que o aparato institucional é capaz de produzir em professores e alunos.

Se os professores conseguem transformar a estrutura da sala de aula, abrindo-a à reflexão sobre os processos de intercâmbio desencadeados pelos próprios temas de estudo, o conhecimento e o know-how são colocados à disposição da contribuição dinâmica do grupo, em suma, dos alunos que nela participam. Trazer à luz as formas usuais de funcionamento do pensamento dos sujeitos quando estão em grupo oferece um direito especial de cidadania à contribuição decisiva das emoções e sentimentos para o desenvolvimento do conhecimento.

Uma nova escola, com a aspiração visionária de ser uma precursora dos tempos que se avizinhavam, de grandes transformações (climáticas, demográficas, ambientais, relacionais, etc.), deve ser criada de modo a fornecer às gerações de alunos que se revezarão ao longo dos anos as ferramentas básicas para funcionar como uma equipe. Para que os alunos sejam os protagonistas de sua própria formação, é necessário que a figura profissional chamada a coordenar seu processo de aprendizagem conheça os requisitos teóricos e técnicos para trabalhar com grupos de pessoas. Esta é uma tarefa longa e profunda que derruba o sistema educacional do qual cada um de nós provém, no qual a tarefa de ensino foi reduzida a uma prática repetitiva e rotineira: uma espécie de transferência de conhecimento daqueles que sabem para aqueles que não sabem, que negligencia e negligencia, muitas vezes fingindo não vê-los, variáveis muito importantes no campo educacional.

O papel do professor é concretizado pelo desenvolvimento de um distanciamento do grupo de alunos, um recurso que torna possível descentralizar no objeto de estudo toda a atenção que o grupo instintivamente coloca sobre o professor. Esta atitude profissional é alcançada graças a um processo de treinamento baseado na análise dos múltiplos mecanismos de funcionamento do pensamento que os sujeitos utilizam quando estão em grupo.

Hoje, a noção de distância assume uma centralidade inesperada graças às condições externas de emergência nas quais estudantes e professores foram forçados a ficar em casa. Trata-se de aproveitar situações destinadas a lançar, entre outras coisas, uma nova luz sobre as emoções e a afetividade em condições (como as ditadas por conexões em plataformas à distância) em que certas reticências, como o esnobismo ou a timidez e a modéstia induzidos precisamente pela proximidade, podem cair menos lentamente...

QUAL É A TAREFA DE ENSINO?

Esta pergunta básica quebra um feitiço que dura há muito tempo, quem sabe quanto tempo. O esquema de ensino tradicionalmente transmitido produz uma série de efeitos que são negativos como um todo, pois levam a privilegiar a mitologia do professor, a capacidade pessoal sobre a colaboração, as ambições individuais sobre os objetivos do grupo, os benefícios pessoais sobre as prioridades comuns de aprendizagem, etc. Na prática, tal escola, ao favorecer processos que visam atingir um objetivo pré-estabelecido, já pré-determinado na mente do professor,

como formas padrão de resposta aos problemas, de fato mantém a cultura geral separada do aprendizado técnico-disciplinar como se pertencessem a dois universos diferentes. Estes são fatos diretamente inerentes à estrutura institucional hierárquica da escola que se estabelece sobre a dependência e a subalternidade. Um sistema de poder antidemocrático, mas ao mesmo tempo ilusoriamente meritocrático, é estabelecido. O sistema de avaliação baseado no esquema repetitivo da lição dada pelo professor ou na exposição de um capítulo do livro didático ainda se baseia em critérios impostos.

Em minha atividade diária de ensino, a fim de superar a situação de fraqueza teórica do sistema educacional atual, assumi a tarefa de observar e estudar metodicamente, durante as aulas, um sistema triplo de relações que inclui

- (a) a relação que o grupo estabelece com a tarefa de aprendizagem
- (b) a relação que o grupo estabelece com o coordenador
- (c) o relacionamento dos alunos entre si.

Ao assumir o papel de coordenar a tarefa de aprendizagem do grupo, presume-se que o professor tenha internalizado a distância e o não envolvimento. Do ponto de vista da teoria da técnica, a Concepção de Grupo Operacional desloca o centro de gravidade das atividades educacionais e instrucionais, ou seja, a liderança de grupo, da figura do professor para a tarefa de aprendizagem, o que representa o propósito sob o qual um grupo de alunos tem sua razão de ser. Os professores, no que diz respeito aos currículos, seguem as pistas ministeriais e a tarefa corresponde aos pontos de um programa que os alunos se comprometeram a estudar e aprender em uma determinada seqüência temporal (o ano letivo em suas varreduras canônicas).

Assuntos novos e inéditos, qualquer que seja a disciplina de estudo a que pertencem, desencorajam as mentes inquiridoras e, portanto, a falta de uma resposta pronta para os problemas que possam surgir, disponível sem muito esforço, gera confusão. O aluno pensa que é deixado sozinho por aqueles que estão convencidos de que deveriam ajudá-lo de acordo com uma idéia de ajuda internalizada por ele, com base em modelos previamente aprendidos.

A fábrica de dependência surge precisamente a partir da reprodução desta cadeia de relações. Quanto mais dócil e disposto o aluno for a lubrificar estes mecanismos habituais, mais ele fará seu caminho na escola, mais ele se adaptará em seus estudos e mais bem sucedido será porque ele se convencerá, seus professores, sua família e aqueles que lhe pedirão para colaborar no futuro para seguir um modelo de acordo com o que se espera dele.

A psicologia analítica social nos orienta no estudo e compreensão dos modos de transferência que operam no sistema institucional de ensino-aprendizagem em um processo contínuo de intercâmbio. O grupo, como um lugar de transição, representa o nexo de união que não podemos dispensar se quisermos observar o vínculo entre indivíduo e sociedade. O grupo deve ser investigado em sua essência como um objeto de estudo e a interpretação do que acontece nele dá sentido à situação. Os sistemas institucionais nos quais um grupo está inserido marcam, como uma marca, as relações interpessoais e isto nos obriga a incluir a presença da instituição (como mencionado acima) na leitura do latente. Colaboração, preparação de projetos, solidariedade e respeito são qualidades indispensáveis do grupo. A arquitetura de uma nova organização es-

colar parte do ambiente de aprendizagem e é por isso que há anos lutamos por uma formação diferente de professores, que devem estar preparados para desempenhar com competência uma nova função do que no passado.

Do ponto de vista teórico da técnica, a Concepção Operacional de Grupo desloca o centro de gravidade das atividades educacionais e instrucionais, ou seja, a gestão de grupo, da figura do professor para a tarefa de aprendizagem, que é o propósito sob o qual cada classe de alunos tem sua razão de ser.

Para atingir o objetivo de um processo circular de construção do conhecimento, propomos um cenário que introduz a dimensão da transversalidade. O nexos de poder implícito na relação vertical professor-aluno mostra uma forma de dominação assimétrica, às vezes mortificante, e representa o modelo tradicional de liderança. É preciso ter sofrido e lutado de alguma forma para mudar as ações que este tipo de poder utiliza sob o pretexto de transmitir conhecimento: chamar a atenção, induzir, prescrever, ser obedecido, dar avaliações e julgamentos, ditar normas de comportamento, promover, rejeitar, etc. Através da auto-análise das experiências escolares pessoais, uma tarefa necessária antes de iniciar a profissão de professor, aparecerão certos fatos significativos que atestam um desconforto e um sacrifício sofrido ao suportar certas passagens experimentais.

Por outro lado, as vozes mais ágeis na cena pedagógica contemporânea tendem a converter essas atitudes autoritárias em um esquema mais atual e dinâmico de participação igualitária, ou seja, horizontal. O que permanece oculto, disfarçado durante ações educacionais e formativas em geral, são as regras de imposição que fundamentam os aspectos mais profundos da palavra falada ou a atitude gerencial: pressupostos que não podem ser esclarecidos pelos próprios atores, já que as racionalizações que fazem ao delinear suas práticas tendem a mascarar tais fenômenos.

Colaboração, preparação de projetos, solidariedade e respeito são qualidades indispensáveis do grupo. A arquitetura de uma nova organização escolar parte do ambiente de aprendizagem e, portanto, o pessoal docente deve estar preparado para desempenhar com competência uma nova função em comparação com o passado. O mesmo vale para os alunos, especialmente aqueles que usam a liderança em seu grupo para dominar: ou em seus estudos ou com uma autoridade específica (charme, proeza física, disponibilidade de meios, etc.) que lhes dá controle sobre seus pares. Desta forma, eles reivindicam um prestígio que aprenderam a cultivar em uma escola baseada no consenso, e se tornam o meio de um modelo que recompensa aqueles que chegam primeiro ou aqueles que conseguem estabelecer seu carisma e, portanto, sua autoridade.

SUMÁRIO

A fim de adquirir uma experiência voltada para a complexidade do mundo juvenil e com o objetivo não desprezível de evitar certos comportamentos autodestrutivos ou de renúncia ou marcadamente agressivos, cabe à escola proporcionar as condições mais adequadas para que os jovens se engajem especificamente no autodesenho. É, portanto, uma prerrogativa importante

dos professores equipar-se com a capacidade de analisar e compreender o espaço de vida das crianças e adolescentes, a partir da circunstância em que se encontram na sala de aula, reunidos em grupos, com o objetivo de enfrentar uma tarefa comum. O objetivo fundamental das tarefas escolares pré-universitárias é, portanto, a orientação escolar e profissional para promover a educação para escolhas futuras. A prevenção de vícios ajudaria a lançar alguma luz sobre o papel específico das escolas.

O envolvimento dos professores no processo de mudança vem antes de tudo de suas convicções pessoais, mas em certa medida também do interesse das associações profissionais em repensar suas competências de treinamento, bem como incentivar o interesse pela pesquisa e o desejo de respirar novos ares.

Estes são dois canais complementares para uma revalorização desejável da subjetividade e criatividade, incluindo a dos professores engajados em um confronto permanente com os aspectos contra-transferenciais de seu trabalho.